

AS MULHERES NA HISTÓRIA DA ARTE, NA CULTURA VISUAL E AS PERCEPÇÕES VISUAIS

MUJERES EN EL ARTE HISTORIA, CULTURA VISUAL Y PERCEPCIONES VISUALES

Alessandra Gurgel Pontes
Mestranda em Educação/ UFPEL
sanagurp@gmail.com

Maristani Polidori Zamperetti
Prof^a Dr^a/ UFPEL
maristaniz@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho apresenta o recorte de uma pesquisa que está sendo desenvolvida no programa de pós-graduação em Educação da UFPEL, com o enfoque na formação de professoras/es, em diálogo com pesquisas sobre a cultura visual veiculadas pelo projeto: Pesquisa, Ensino e Formação Docente nas Artes Visuais (UFPEL/CNPQ), coordenado pela coautora do texto. O objetivo é analisar as possibilidades de um Ensino de Artes Visuais pautado nos estudos da história da Arte brasileira feminina, moderna e contemporânea, com o intuito de promover uma percepção visual dos temas sociais relativos às mulheres, e que estão presentes nas visualidades, seja da Arte ou da Cultura Visual. O trabalho tem a intenção apresentar a importância da história da Arte para ponderar a produção de mulheres em um cenário contemporâneo que ainda se pauta numa sociedade machista e patriarcal. Sendo assim, nossa pesquisa busca como método, abordar esses temas por meio de um curso promovido junto a secretária de Educação do Município de Pelotas, para professoras/es de Artes Visuais. Tal curso tem a intenção de recolher narrativas sobre as percepções que tais professoras/res têm sobre a representação da mulher na Arte e na cultura visual, assim como na Arte Contemporânea brasileira. Consideramos, que pensar sobre a formação em artes visuais e narrar as próprias apreensões sobre as implicações das imagens durante esse processo, podem proporcionar, também, novas perspectivas para as práticas futuras desses docentes.

Palavras-chave: Arte Feminina; Educação; Formação docente.

ABSTRACT

This paper presents the outline of a research that is being developed in the UFPEL postgraduate program in Education, focusing on the formation of teachers, in dialogue with research on visual culture conveyed by the project: Research, Teaching and Training. Lecturer in Visual Arts (UFPEL / CNPQ), coordinated by the coauthor of the text. The objective is to analyze the possibilities of a Visual Arts Teaching based on the studies of the history of Brazilian feminine, modern and contemporary Art, in order to promote a visual perception of the social themes related to women, which are present in the visualities, either Art or Visual Culture. The work intends to present the importance of Art history to consider the production of women in a contemporary setting that still is based on a chauvinistic and chauvinistic society. Thus, our research seeks as a method to address these themes through a course promoted by the Secretary of Education of the Municipality of Pelotas, for teachers of Visual Arts. This course intends to collect narratives about the perceptions that such teachers have about the representation of women in Art and visual culture, as well as in Brazilian Contemporary Art. We consider that thinking about visual arts training and narrating one's own apprehensions about the implications of images during this process may also provide new perspectives for

Keywords: Feminine Art; Education; Teacher training.

Mulheres na Arte e a dominação patriarcal

Em diversos períodos da longa história da arte, principalmente na de origem eurocêntrica, a imagem da mulher foi utilizada como um objeto de contemplação nos trabalhos artísticos elaborados por homens. Ou melhor, a imagem das mulheres foi atribuída à ideais de beleza, crenças e misticismos exóticos nas obras de artes produzidas por homens. Em diversos períodos a mulher foi retratada de forma coadjuvante, sem importância intelectual ou criativa, assim como no barroco, (COSTA, 2002) em que a imagem feminina não era alocada no mesmo grau de importância divina que os homens.

Até mesmo em imagens que se produziam em torno de personagem bíblicas como Maria, essas atribuições de mãe da divindade, fortaleciam o papel da mulher como cuidadora, progenitora, domesticada e coadjuvante do “homem divino”. Era, de certa maneira, uma construção social produzida através da arte para que a sociedade hegemonicamente patriarcal pudesse manter o controle e designação do corpo feminino. Ainda que essas problemáticas tenham feito parte das produções artísticas, não podemos só nos deter as configurações que dizem respeito a representação das mulheres em obras masculinas, pois vale lembrar que mesmo nesses períodos (renascimento, barroco, rococó ou neoclássico) já havia mulheres que se dedicavam à Arte e produziam obras que são pouco valorizadas pelos livros de História da Arte.

É neste sentido que, avaliamos que os estudos históricos da arte – tanto em disciplinas aplicadas à formação acadêmica como em aulas escolares – normalmente são centrados na produção de artistas homens e conduzidas por meio de livros escritos também por eles, que portanto, mostram as produções femininas a partir da perspectiva masculina e sem qualquer foco no potencial criador e em motivações sociais. Essa constatação pode ser corroborada por Coutinho e Loponte, quando analisam os embaraços que envolve a ausência da produção artística oriunda de mulheres no contexto das instituições de ensino:

A pouca visibilidade feminina recaiu nas escolas e em seus aparatos. Ao privilegiar a produção masculina, os programas para o ensino de arte não admitem ou fazem timidamente o discurso politizado das artistas. Essa é uma das contradições que ainda impregnam os espaços escolares [...] A ausência/lacuna apontada não pode ser minimizada como uma simples coincidência ou um ato desprezioso, sem intenção, apolítico, ingênuo. (COUTINHO; LOPONTE, 2015, p. 186)

Como aponta as autoras, a ausência das produções femininas em espaços formativos é algo orquestrado por um sistema controlado por homens, para descredibilizar o potencial criador das mulheres, assim como a importância de suas obras e de suas atuações no campo social e cultural. Portanto, é emergencial que novas discussões tragam à tona obras de mulheres e a presença dessas obras no espaço formativo com intuito de fomentar discussões ligadas não só a gênero, mas também outras formas de dominação abotoadas à perspectiva interseccional.

Neste sentido, consideramos que diversas mulheres, assim como Artemísia Gentileschi, produziram obras que tinham o intuito de denunciar, contar e narrar a violência que acometia o corpo feminino. A artista se dedicou a temas bíblicos como o episódio ocorrido com Suzana e dois idosos que invadiram sua casa enquanto ela se banhava. Na obra (fig. 1), Gentileschi retrata Suzana com um certo ar de medo, angústia e repulsa, perante as figuras dos homens que a observam. Claro que essa leitura é algo particular que se articula com construções subjetivadas que possuímos a respeito dessa imagem, no entanto não podemos deixar de analisar que essas interpretações sejam importantes para produção de sentido e de leituras sobre contextos sociais dos quais artistas como ela fizeram parte.



Figura 1 – Artemísia Gentileschi – Suzana e os Velhos – 1610-1611
Óleo sobre tela, 170 x 121 cm - Palácio de Weissenstein – Alemanha – Fonte: internet

Ainda que obras como essa possam conter uma potência educativa e articuladora de temas sociais, pouco analisamos o grau de importância que essas mulheres e suas obras tiveram, nas rupturas de hegemonias masculinas. Nesse contexto, a produção de mulheres foi sendo deixada à margem dos circuitos artísticos, que exaltavam os homens como gênios e heróis.

Segundo Loponte (2005), o mito da genialidade se tornou um dos principais temas de debates entre teóricas feministas como Griselda Pollock (1988), Patrícia Mayayo (2003) e Linda Nochlin (1989).

Esse mito da genialidade atribuído aos homens não foi construído por acaso, ele faz parte de um sistema de dominação misógino e patriarcal que ainda não foi totalmente superado, mesmo na contemporaneidade. Tal mito foi criado com um intuito muito maior do que só exaltar a produção masculina e os atores envolvidos, ele foi pensado principalmente com o objetivo de oprimir e controlar corpos femininos e suas capacidades de expressão, sensibilidade, crítica ou criação. Para teóricas como Pollock (2003) e Mayayo (2003), esse mito precisa ser desconstruído, pois foi postulado a partir de uma visão cristã, ocidental que oprime as mulheres e não consolida suas produções nesse campo. Para as autoras isso só é possível por meio de uma revisão da história da arte, que reivindique as “intervenções feministas” (LOPONTE, 2005) nesse campo.

No entanto, para que essas reivindicações sejam feitas é preciso considerar também que a História da Arte tem sido apresentada nos meios acadêmicos através da visão masculina de autores que se consolidaram como os grandes “críticos da arte” e da construção histórica dessa área. Para Loponte (2005) a História da Arte legitimada e universal foi formulada a partir de um olhar heteronormativo do homem branco e europeu. Por isso, o que está em jogo é uma complexidade de paradigmas que precisam ser quebrados a partir do enfrentamento e do reconhecimento de que o sistema patriarcal continua a agir em diversas instâncias sociais.

Mas para que possamos reconhecer que o patriarcado continua a dominar de forma hegemônica as diversas instâncias sociais, é preciso também que seja evidenciado as intervenções feitas por mulheres em períodos anteriores à arte contemporânea como foi o caso de Artemísia Gentileschi. Essa espécie de mapeamento nos ajudará a perceber de que modo as construções feministas nas Artes Visuais, foram sendo construídas e de que maneira isso foi sendo elaborado pelas mulheres artistas que ficaram fora dos livros de oficiais sobre a História da Arte. De certo modo, o que se busca é tentar compreender se essas narrativas eram tramadas

com o propósito de combater o domínio masculino e viabilizar a presença das mulheres como *sujeitas*¹ criadoras.

Embora não se possa afirmar que houvesse mulheres produzindo no sentido feminista antes do séc. XX, muitas artistas como Gentileschi elaboraram obras que têm esse potencial e que carregam narrativas, pelo menos discutíveis entre as/os profissionais do campo, para se ampliar as percepções sobre a relação dessas temáticas. De certo modo, o que percebemos é, que, as produções dessas mulheres deixaram marcas que talvez tenham demarcado a história da relação promissora entre Arte Visual e Feminismos que encontramos hoje de modo mais evidente na Arte Contemporânea.

O que fica claro é que muitas artistas tentaram, de alguma maneira contrapor essa dominação do patriarcado não só no campo artístico, mas também em outras instâncias da sociedade, como foi o caso de Eva Gonzalès. A artista que viveu no século XIX e produziu com muita intensidade em sua curta vida, poderia ter sido reconhecida como um grande nome do impressionismo francês. Uma de suas obras (fig. 2) demarca de forma representativa um rompimento cultural que deslocava a imagem da mulher da esfera doméstica para a social – introduzindo-as em espaços como o teatro, que antes só pertenciam aos homens.



Figura 2: Eva Gonzalès – Um Alojamento no Teatro dos italianos, 1874
– óleo sobre tela – 98 x 130 cm – Musée d'Orsay – Paris – Fonte: Internet

Ainda assim, mesmo com obras revolucionárias de grande qualidade técnica e sensível – o nome de Gonzalès foi esquecido ou pouco divulgado na história oficial das Artes Plásticas

¹ Ressaltamos que a escolha do substantivo no feminino vai de encontro à teorias Queer (Megg Rayara, 2018) que rejeitam o androcêntrismo (A tendência quase universal reduzir a raça humana ao termo "o homem"), e acreditam numa renovação da linguagem decolonial e plural que rompe com padrões linguísticos normativos.

e que hoje vemos ressurgir em exposições atuais como é o caso de “Histórias de Mulheres Artistas até 1900”².

Já no contexto brasileiro, temos nomes como o da artista Abigail de Andrade – pintora e desenhista – foi a primeira mulher brasileira a ter sua produção reconhecida e premiada em um salão de Artes em 1884, tanto por sua obra de natureza morta, quanto por seu autorretrato (fig. 3). Tal obra possui uma narrativa que a valoriza não só como artista, mas como pensadora e criadora. Entretanto, segundo a pesquisadora Simioni (2013) “mesmo condecorada, Abigail de Andrade foi classificada por Gonzaga Duque como ‘amadora’ em seu fundamental livro, *A Arte Brasileira*, de 1888”. O que fica evidente é que mesmo com um grau avançado de domínio da técnica, suas obras eram analisadas a partir da ótica de seu gênero, ou melhor de seu marcador biológico.



Figura 3 – Abigail de Andrade – *Um canto do meu Atelier* – 1884
Óleo sobre tela – Coleção particular – Fonte: Internet

O que percebemos é que trabalhos como dessas artistas apresentadas, são possivelmente oriundos de desconfortos sociais que acometiam essas mulheres e as faziam pensar em formas de expressarem tal desconforto. Essas primeiras peças produzidas e trazidas à tona hoje por historiadoras da Arte como Grizelda Pollock (2003), Linda Nochlin (1989) e Patrícia Mayayo (2003), nos ajudam a construir novas histórias e novas perspectivas para formação de professores desse campo. Tal reformulação histórica, que evidência os marcos de intervenção dessas mulheres, podem ajudar na compreensão das narrativas produzidas por mulheres artistas das décadas de 60 e 70.

² A exposição citada está em cartaz no Museu de Arte de São Paulo, e reuni os trabalhos de diversas mulheres que produziram desde o século 1 até o final do século XIX, em várias partes do mundo inclusive nas Américas pré e pós-colonial.

As produções das mulheres desse período, possuem um grau de importância ímpar para entendermos de que modo elas buscavam se libertar das amarras do patriarcado e se realocarem no campo artístico como produtoras de uma contra cultura através de performances e outros meios produção visual. Artistas como Ana Maria Maiolino (fig. 4 e 5) produziam obras com engajamento político e social através narrativas que buscavam relacionar o cotidiano e a condição da mulher e de seu corpo na sociedade. Suas obras nos fazem perceber conexões entre o domínio patriarcal sobre o corpo feminino, assim como a busca pela libertação dessas opressões. São obras que causam um certo desconforto visual justamente por evidenciar a violência sobre os corpos femininos e também as possibilidades que esse corpo teria se não fosse silenciado.

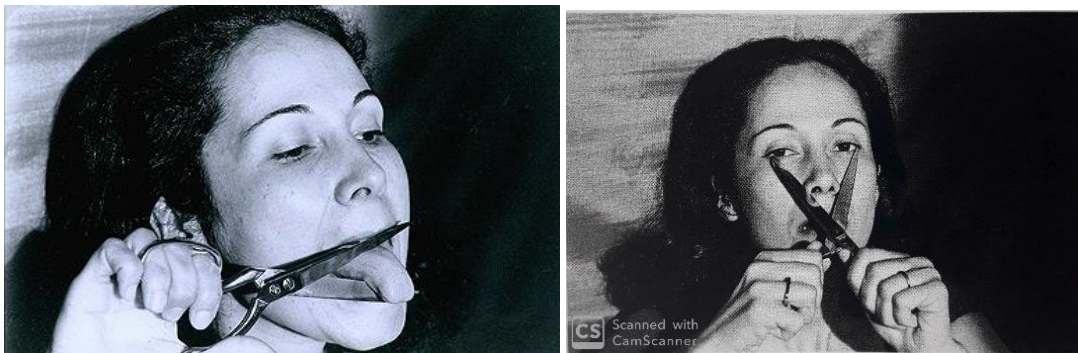


Figura 4 e 5: Ana Maria Maiolino – Série Fotopoemação – 1974
fotografia – 24 X 29 cm – coleção da artista – Fonte: Mulheres Radiciais³

Trabalhos como dessas artistas são apenas alguns exemplos de obras elaboradas por mulheres, que podem estar presentes em determinados tempos e lugares, provocando discussões a respeito de gênero e opressão – tanto na formação de professoras e professores como na escolarização desde a educação básica – em conexão com estudos feministas e com a cultura visual.

Neste sentido a crítica feminista, precisa estar imbricada ao panorama da Arte-Educação, para que sejam aprofundadas as interpretações que dizem respeito a representação de mulheres em obras de artes, assim como em imagens de cunho midiático. É preciso compreender que as formas de representação de mulheres como figuras maternas, familiares, domesticadas e santificadas – que observamos nas obras do séc. XVIII – faziam parte de um

³ Imagens escaneadas do livro: FAJARDO-HILL, Cecília; GIUNTA, Andrea. Mulheres Radicais: arte latino-americana, 1960-1985. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018.

interesse em manter a ordem social e uma estabilidade política (COSTA, 2002). No contexto brasileiro, isso significou a consignação do que seria o modelo de família patriarcal, assim como predomínios desse padrão sobre as camadas sociais.

Neste sentido foram surgindo perguntas sobre o que podemos dizer sobre a imagem das mulheres no Ensino das Artes Visuais dos cursos de licenciatura dessa área. Será que em tal formação já ocorreram quebras de paradigmas, que possibilitaram o reconhecimento da importância das mulheres na história da arte, como produtoras/artistas? Essa questão vai de encontro com o que buscamos investigar a respeito da formação de professores desse campo de conhecimento. O que pretendemos é ouvir o que professoras e professores têm a nos dizer a respeito de suas percepções sobre as mulheres nas Artes Visuais e como isso afetou suas formações.

Artes Visuais na escola e professoras/es articuladoras/es

É importante ressaltar que, apesar de elaborarmos esse pequeno panorama a respeito de obras femininas, o presente estudo não se propõe a mapear as produções elaboradas por mulheres, durante períodos da história da arte, mas sim de dar voz à percepção que profissionais desse campo, possam ter a respeito deste tema e da relação com suas formações e suas práticas. Contudo, também temos uma preocupação de pensar em tais interferências na formação de tais profissionais e o reflexo disso no ensino das artes visuais no contexto escolar.

É importante ressaltar que nossas pesquisas se dedicam a pensar a formação docente, seja ela inicial ou continuada, das professoras e professores de Artes Visuais que atuam ou atuarão no contexto escolar. Portanto, buscamos promover uma discussão a respeito do papel que a produção das mulheres na História da Arte, têm para práticas pedagógicas escolares, assim como para se pensar no cenário contemporâneo que ainda se pauta sob a ótica de uma sociedade machista e patriarcal (Saffioti, 2004).

Sendo assim, demarcamos que seja importante reconhecer as mudanças no Ensino das Artes Visuais na escola, que o tornaram uma de área de conhecimento, e que, portanto, precisa ser conduzido não só no sentido artístico mas também no sentido político e social. Tanto Pollock (2003) quanto Nochlin (1989), acreditam que seja necessário uma mudança de paradigma nos estudos relacionados à História da Arte, que precisa ser analisada não apenas pelo viés

formalista mas também político, e isso se aplica muito bem à disciplina de Artes Visuais no contexto escolar.

Nessa perspectiva, formulamos um projeto de ensino que foi efetivado através de um minicurso para professoras e professores de Artes Visuais, e que almejava promover reflexões e apontamentos inerentes ao ensino desse campo de atuação, cultura visual e formação docente, a partir de estudos feministas e de obras elaboradas por artistas mulheres. O curso tinha como objetivo geral ampliar a reflexão em grupo sobre as visualidades que fizeram parte da formação docente das e dos participantes e a percepção que tais profissionais tinham a respeito da produção de mulheres e sua importância no contexto escolar.

Dessa forma, foram abordados durante esse projeto, algumas questões relativas à produção de mulheres de períodos clássicos da História da Arte, na América Latina e no Brasil, como a relação dessa área com o feminismo, com a cultura visual e com temas sociais. Buscávamos assim, construir novas perspectivas de ensino para a Arte-Educação no contexto escolar através de obras de mulheres e de estudos feministas promovendo uma reflexão sensível e crítica com o grupo, sobre as possibilidades inerentes ao Ensino das Artes Visuais.

Entendemos que mesmo que mudanças tenham ocorrido no Ensino das Artes Visuais na conjuntura escolar, ele ainda continua a ser desvalorizado nos processos de formação humana, conscientização social e política, mas principalmente nas discussões de gênero. Tal preocupação atinge a muitas pesquisadoras da Arte-educação, como Ana Mae Barbosa (2019) e Loponte (2005), quando reconhece que “articular arte e gênero é, de alguma forma, trazer uma tensão a mais para um olhar acostumado a ver a arte através dos olhos de historiadores e críticos de arte que tratam como única verdade uma visão particular e arbitrária” (2005, p. 246).

É preciso que entendamos que as Artes Visuais têm um papel fundamental para a construção de diálogos com outros campos como a Cultura Visual e o feminismo, para que possamos compreender os fenômenos que afligem a vida contemporânea. Não podemos deixar de perceber que cotidianamente somos cercados por uma produção massiva de imagens seja da mídia ou da publicidade, numa velocidade tecnológica tão rápida quando o esgotamento das relações humanas.

Nesse contexto se proliferam imagens (fig. 6) que continuam a oprimir e domesticar corpos femininos (cis⁴ ou trans) e que não são exatamente percebidas ou interpretadas de forma crítica, sensível e reflexiva. Em tal cenário, as artes visuais – na escola – assumem um papel primordial de promover discussões de gênero e interpretação dos discursos de dominação social que submetem mulheres ainda na atualidade por meio da cultura visual. Entretanto, esse tipo de metodologia de ensino só se torna possível se professoras e professores desse campo tiverem ciência das problemáticas que envolvem tais questões não só na História da Arte como em suas formações.



Figura 6: Propaganda Brasileira – Mr. Músculo – 23 de março de 2015 – Fonte: internet

Nessa imagem por exemplo, vemos claramente que o domínio do patriarcado continua atuando através de imagens que desprezam o potencial das mulheres até mesmo em tarefas domésticas. Se tentarmos elaborar uma leitura dessa imagem encontraremos uma série de relações de poder, dominação e domesticação de corpos, que ainda determinam padrões de conduta para mulheres. Portanto é preciso que professoras e professores de Artes Visuais estejam cientes de que as imagens produzidas pela cultura visual podem influenciar e condicionar nossas escolhas pessoais, nossos modos de ser e agir, caso não tenhamos um bom repertório artístico e cultural que considere a importância das produções de mulheres para ruptura dessas relações de poder e de hegemonias patriarcais.

Quando professoras ou professores refletem sobre o contexto de obras de arte, e transformam isso em narrativas, para entender o contexto de tais imagens contemporâneas nas

⁴ O termo CIS se refere à palavra cisgênero que caracteriza o gênero feminino através do marcador biológico. Já o termo trans se refere à classificação do gênero feminino de modo plural que está além do marcador biológico.

suas práticas pedagógicas, ela ou ele compreende o legado cultural e artístico da humanidade, tornando-se crítica ou crítico, capaz de se reconhecer na sociedade e, conseqüentemente capaz de perceber os problemas em sua própria formação docente. Tal reflexão produz uma percepção interpretativa a respeito dos discursos de dominação que possam estar inseridos nas instituições e nos conteúdos pedagógicos. De certa maneira, estar apto para perceber tais discursos, significa também estar disposto a romper com paradigmas coloniais que foram empregados e que condicionam a postura social, até os dias atuais.

Assim sendo, abarcamos o que afirmou Paulo Freire (1979, p. 19) quando explica que “pela ausência de uma análise do meio cultural, corre-se o perigo de realizar uma educação pré-fabricada, portanto, inoperante, que não está adaptada ao homem⁵ concreto a que se destina”. Pensando nas palavras do autor, podemos entender que ensino da arte representa um componente imperativo para o que propôs Freire em sua pedagogia na busca pela conscientização⁶ e, dessa forma, pela libertação do indivíduo. Podemos observar que Josso fala da importância da compreensão cultural na formação docente, quando afirma que:

A questão do sentido da formação, vista através do projeto de formação, apresenta-se como uma voz de acesso às questões de sentido que hoje permeiam os atores sociais, seja no exercício de sua profissão – eles se assumem como porta-vozes dos problemas dos grupos sociais com os quais operam – seja nas vivências questionadas e questionadoras de sua própria vida. (JOSSO, 2007, p. 414)

Portanto é fundamental que professoras e professores do campo das Artes Visuais, reflitam sobre as influências das imagens que fazem parte do cotidiano, compreendendo que elas são um componente da comunicação nas práticas pedagógicas artísticas. Também é importante que apreendam o sentido em que essas imagens foram elaboradas e a relação que possuem com construções culturais, sociais e históricas. Para isso, Ana Mae Barbosa (2012, p. 19) explica que “a leitura das imagens fixas e móveis da publicidade e da arte na escola nos ajudam a exercitar a consciência acerca daquilo que aprendemos por meio da imagem”.

⁵ Apesar de usarmos a citação de Freire como fundamentação da ideia apresentada, discordamos da visão androcêntrica do autor.

⁶ A conscientização, compreendida como processo de criticidade das relações consciência-mundo, é condição para a assunção do comprometimento humano diante do contexto histórico-social. [...] É através da conscientização que os sujeitos assumem seu compromisso histórico no processo de fazer e refazer o mundo, dentro das possibilidades concretas, fazendo e refazendo também a si mesmos (FREITAS, 2008, p. 99-100).

Ao fim e a cabo, a docência em arte se faz pelas experiências e reflexões do/da professor/ra em suas narrativas, e na relação dialética com estudantes sobre arte e cultura visual, para entender o sentido da ‘formação humana’, sensível e estética de ambos. Dessa forma, tínhamos dois objetivos com um minicurso, elaborado junto à professoras/res da rede municipal de Pelota: analisar as possibilidades de um Ensino de Artes Visuais pautado nos estudos da história da Arte brasileira feminina, moderna e contemporânea; promover uma percepção visual de temas sociais relativos às mulheres, e que estão presentes nas visualidades, sejam elas da Arte ou da Cultura Visual.

Ao observamos uma obra de arte, seja ela pintura, gravura, desenhos, principalmente de determinados períodos da história, reconheceremos alguns elementos que nos fazem refletir sobre o contexto histórico e cultural do artista. Foi neste sentido que procurávamos por reflexões que possibilitassem construir outras formas de pensar a imagem, tanto no cotidiano escolar, como em sua relação com o contexto histórico-social. Para Herbert Head (1967, p. 22), “por toda a longa perspectiva da história é impossível conceber uma sociedade sem arte, ou uma arte sem significado social”.

Entretanto, acreditamos que para se compreender essa relação, é preciso que o Ensino das Artes Visuais, auxilie a todos os envolvidos na interpretação das imagens contemporâneas, pela busca de percepções sensíveis e críticas, a respeito do contexto sociocultural. Nessa perspectiva, professoras e professores, assumem um papel de mediadoras/es conscientizadas/os sobre as possibilidades de concordância das Artes Visuais com outros campos do conhecimento para se compreender a formação humana, social e cultural. Conforme os PCN's⁷ essa articulação é essencial para a compreensão da existência humana:

Há uma tendência cada vez mais acentuada nas investigações contemporâneas no sentido de dimensionar a complementaridade entre arte e ciência, precisando a distinção entre elas e, ao mesmo tempo, integrando-as numa nova compreensão do ser humano. (1997 p. 27)

Portanto é necessário que saibamos analisar as imagens produzidas pela cultura visual de massa – possivelmente ideológicas – para que possamos utilizá-las de forma crítica produzindo com autonomia de pensamento, de forma expressiva e sensível. Nessa perspectiva, entendemos que as produções artísticas de mulheres no ensino das artes visuais e o diálogo

⁷ Parâmetros Curriculares Nacionais.

crítico sobre influência do patriarcado na cultura visual, possa tornar professoras/res e estudantes muito mais sensíveis reflexivos a respeito das interferências que essas temáticas têm sobre a vida cotidiana.

Sendo assim, compreendemos que seja imperativo que docentes entendam a importância de apresentar a história da arte de mulheres, não de forma cronológica, indiferente ao contexto histórico, mas de forma interpretativa para articular e apreender sobre a cultura visual contemporânea. Nesse processo de análise e interpretação de imagens nas práticas pedagógicas é que o grupo reflete sobre a influência dessas imagens em sua própria existência, sua formação humana, crítica e pedagógica.

Por isso, é importante lembrar que, ainda que, o ensino da arte passe por barreiras no sentido de sua valorização como área de conhecimento, é uma disciplina fundamental na escola para se compreender sensivelmente o mundo e o próprio processo histórico nesse contexto. Portanto, é imperioso que em tempos atuais, professoras e professores de Artes Visuais passem a assumir, o papel de mediadores da cultura visual, através da interpretação de imagens e da reflexão sobre os discursos incutidos nas visualidades contemporâneas.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. As mutações do conceito e da prática. In: BARBOSA, Ana Mae (org). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- BARBOSA, Ana Mae. **Mulheres não devem ficar em silêncio**. Arte, design, educação. São Paulo: Cortez, 2019.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC / SEF, 1998. 116 p. Acesso em: 20/10/2019.
- CASTRO, Cristina. **A imagem da mulher**. Um estudo de arte brasileira. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2002.
- COUTINHO, Andréa Senra; LOPONTE, Luciana Gruppelli. Artes visuais e feminismos: implicações pedagógicas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 23 (1): 312, janeiro-abril/2015.
- FREIRE. Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação** – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Conscientização. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 99-101.

JOSSO, Marie Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Tradução: de Maria do Carmo Monteiro Pagano. Porto Alegre/RS: ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

LOPONTE, Luciana. Gênero, educação e docência nas artes visuais. **Educação e Realidade**, jul/dez 2005, p. 243-259.

MAYAYO, Patricia. **Historias de mujeres, historias del arte**. Madrid: Cátedra, 2003.

NOCHLIN, Linda. **The politics of vision: essays on nineteen-century art and society**. Colorado, USA: Westview, 1989.

POLLOCK, Griselda. **Vision and difference: feminism, feminity and the histories of art**. New York: Routledge, 2003.

READ, Herbert. **Arte e Alienação: o papel do artista na sociedade**. Tradução: Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. “O Auto-retrato Feminino no Brasil Oitocentista: Abigail de Andrade e os impasses da representação”. **Caiana. Revista de Historia del Arte y Cultura Visual del Centro Argentino de Investigadores de Arte (CAIA)**. Nº 3 | Año 2013. URL: <http://caiana.caia.org.ar/template/caiana.php?pag=articles/article_2.php&obj=119&vo l=3> Acesso em: 10/10/2019.